

Tendo occasião de visitar a vetusta Sabará, fui surpreendido com a dolorosa noticia de que um riquissimo candelabro de prata, da egreja do Carmo, obra colonial de inestimavel valor artistico e de alto preço, fôra vendido a uns gananciosos especuladores que andam arrebanhando preciosidades artisticas. Esta venda foi um verdadeiro desastre e ao mesmo tempo um crime de lesa-Patria, levado a effeito por individuos sem sentimentos, que só visam o proprio interesse; o candelabro passou ás mãos dos desalmados vendilhões por..... 4:000\$000 e foi revendido no Rio por 70:000\$000, sendo afinal adquirido para a Republica Argentina por 100:000\$000 !!

Digamos de passagem, não é a falta de pessoas, que se dedicam ás collecções que estas cousas estão desaparecendo, em Santa Luzia do Rio das Velhas, o sr. Dolabella reuniu em sua residencia, cousas preciosas que podem figurar em qualquer museu, é um paciente colleccionador. Em Diamantina outro cidadão reúne com carinho tudo que diz respeito ao nosso passado.

Porque o governo que muito póde, não destina uma pequena quantia nos orçamentos para aquisições destas reliquias? Na referida Sabará, no velho edificio que foi a casa da fundição, existe a historica prensa que serviu para marcar as barras de ouro, datando de 1600, está em poder do *dono* da casa, que a retem indevidamente, pois parece que aquelle objecto pertence ao Estado e não a um particular.

Seria obra de patriotismo da parte do governo de Minas, cuidar desde já da organização official do museu do Estado. Collaboradores não faltam; o Archivo Publico Mineiro ali está, será o ponto de partida; daqui ha um anno festejaremos o centenario da nossa independencia e Minas deve contribuir mais do que qualquer outro Estado, para a grande solemnidade, fundando o seu Museu Historico, pois a sua historia é gloriosa. Boa vontade não faltará aquelles que possuem objectos historicos para offerecel-os, e patriotismo não faltará ao governo para levar avante tão util e digno projecto.

Bello Horizonte, 28—10—921.—Capitão *José Pacifico Rufino da Silva.*



Reminiscencias

— DE —

VILLA RICA

Feu de Carvalho

0052000

Reminiscencias de Villa Rica

Pontes celebres

•Meu sonoro passarinho.

Ergue o corpo, os ares rompe,
Procura o porto da Estrella,

Sóbe a serra, e se cansares,
Descansa n'um tronco della.
Toma de Minas a estrada,
Na igreja nova que fica

Ao direito lado e segue
Sempre firmé a Villa Rica.
Entra n'essa grande terra,

Passa uma formosa ponte,
Passa segunda e terceira
Tem um palacio defronte.

M. de Dirceu, t. e p. II, lyra XXXVI. Edição Garnier, 1884.

Villa Rica é por innumerous ribeiros banhada, os quaes deslisam de suas montanhas sem conta ou serpeam entre ellas; de maneira que são varias as pontes lançadas em seu seio.

De cantaria, são todas celebres e decantadas pelos poetas, não obstante, dentre ellas, fez Gonzaga, cujos versos encimam estas linhas toscas, selecção de tres.

São muitas as fontes que «vomitam delfins e regias pontes, que se hão de sustentar sobre a firmesa de grossos arcos», confirma Claudio Manoel, no seu poema, canto decimo.

Pois bem, vejamos em ordem, quando foram arrematadas e construídas, os seus constructores, as quantias despendidas, etc. etc.

A primeira «*formosa ponte*», é a do — *Caquende* — assim chamada, não só porque dá passagem para o dito antigo bairro, como por ser lançada sobre o — *Corrego Caquende* — denomina-se actualmente — *Ponte do Rosario*.

A segunda, denominada — *Grande Ponte de S. José* — (até 1744) ou — *Ponte de S. José* — (até 1802 pelo menos) por se achar na rua do bemaventurado Patriarcha. Grandel... com muita propriedade chamada, porque de facto, a de madeira assim era, n'aquelle «*tremendo despenhadeiro*» de então; moderadamente — *Ponte dos Contos*.

A terceira — *Ponte do Corrego Antonio Dias* — por atravessar o corrego d'este nome, hoje, conserva unicamente, o do glorioso fundador do antigo e historico arraial.

Não remontaremos ao tempo das pinguellas, em que eram desdobrados valentes e bellos pranchões, de opulentos e venerandos tóros de braúna e jacarandá, abatidos no proprio local; nem tão pouco da construcção primitiva de madeiras, em que abundava o excellento taboado de canella preta, parda ou visguenta, licorama, iguapéva, etc.

Não; taes minudencias para nós guardamos com prazer, sem avareza, unicamente, para não nos alongarmos em demasia.

Trataremos tão somente das construcções de pedra e cal que são as que até hoje permanecem e permanecerão solidas, altivas e soberbas, assistindo se esvaiem os seculos.

Entretanto, bem mais graciosas e poeticas, as de madeira tosca e engenhosamente travadas, em que Dias Taubateano e Faria Fialho tantas vezes recitavam ou debulhavam breviaros e rosarios.

Quantas vezes, á tardinha, velhos bandeirantes, seguidos de taludos negros, atravessavam-nas ou lá se detinham em amistosa, mas sobria palestra, sobre os proventos do dia?!

.....

As de madeira tosca e engenhosamente travadas lá se foram, só restam hoje as nobres e de cantaria.



Ponte do Caquende ou do Rosario. Ouro Preto

I

Ponte do Caquende ou Rosario

A construcção desta ponte data de 1753; por esse tempo, governava Minas José Gomes Freire de Andrade, 2.º conde de Bobadella, sendo arrematada em 10 de fevereiro pela quantia de onze mil cruzados e tresentos mil reis; depois de preenchidas todas as formalidades legais por Antonio da Silva Herdeyro, mestre do officio de pedreiro.

Presidiu os trabalhos da arrematação o juiz ordinario Lobo, com a presença dos vereadores Castro, Lima Costa, Pinto e o procurador Almeida.

Os termos foram redigidos e concertados pelo escrivão André Joaquim Lobatto e apregoou os lanços o porteiro Jeronymo Pereira de Souza.

Construíram a ponte encostada ás ultimas casas que se achavam junto do corrego, da parte de baixo.

O parapeito entrou pelos quintaes tanto quanto foi necessario para a ponte se travar direito ao outro lado do quintal de Antonio Lopes de Carvalho e desaterraram o sufficiente de uma e outra parte para alinhar a rua.

Os assentos que nessa epocha levou, no centro e nas extremidades, obedeceram á planta.

Ainda não podemos apurar quem fôra o auctor do risco ou planta; mas verificamos não ter sido Silva Herdeyro, porque, nas clausulas do contracto, encontra-se uma, em que o arrematante «pagaria ao auctor o que tivessem ajustado», caso contrario, teria este o direito de reclamar do Senado o pagamento.

Foram collocadas quatro pyramides, as quaes eram de pedra inteiriças, sendo no chão enterradas. Uma esphera de pedra foi feita separadamente mas segura por dentro em cima de uma outra pyramide, por um espigão de ferro muito bem chumbado, tendo identica segurança os braços da Cruz que na esphera fôra embutida.

Todas as juntas das pedras do parapeito, foram ligadas por gatos de ferro, chumbadas pela parte de cima.

Todo enchimento da ponte obedeceu á planta, perfil e risco empregando-se pedra do Itacolomy; o enchimento do arco, com pedra escolhida, da mais dura que foi possível encontrar-se, com a grossura de tres palmos e as demais, com as dimensões determinadas pelo risco.

Em perfeito nivel, foram postos, com lages brutas, os dous recórtes pela parte de fóra, em ambos os lados, o recórte onde assenta o arco dos mesmos legedos brutos e grandes, toda a alvenaria junto ao arco, tambem de pedras grandes e duras.

Pelo arrematante foram reservados nove ou dez palmos, para uns beccos, do lado do Rosario; de uma banda e de outra, para por elles terem sahida as aguas da rua ao corrego.

Por empreitada, foi contractada e preparada a calçada daquelles beccos, por haver bôa servidão publica.

O comprimento, largura e altura da ponte, obedeceram á planta.

Os alicerces foram cavados no corrego, até que, encontraram pissarras sufficientes, para a segurança da mesma, de maneira a nunca haver ruina; isto, depois de examinadas pelos senadores e terem elles julgado que eram capazes para supportal-a.

Foi toda calçada com pedra bem dura e as lages collocadas á tição, não sendo de maneira alguma admittida a de Tapanhoacanga, por não se prestar para obras semelhantes.

A calçada foi corrida de modo a unir de uma a outra parte da rua; a pedra calcarea de seis ou sete palmos de grosso, medidos de fóra para dentro, em toda circumferencia e o enchimento.

Todas as juntas foram tomadas e argamassadas com cal e areia, o vão da alvenaria, foi massiçado com pedra, ao menos cem palmos para cada lado do arco; com mais aterro para as pontas, com cascalho do corrego.

Na planta figuravam uns paredões, porém, julgados desnecessarios, o arrematante ficou desonerado, sendo entretanto, obrigado, a executar fielmente o risco e toda a obra restante, com segurança e perfeição.

De accôrdo com clausulas expressas, offereceu fianças capazes, o que, para esse effeito, se apresentaram como fiadores,

assignando o respectivo termo João de Amorim Pereira e José Gomes de Almeida.

A obra no fim de seis mezes se achava finda; assim concluida, foi examinada por peritos sob juramento, sendo de parecer que tudo se achava conforme a planta e risco, todavia, o arrematante deveria correr o risco da mesma um anno e dia.

Os pagamentos foram tres, pagos pro rata; o primeiro ao assentar os alicerces, o segundo no meio e o terceiro no fim da obra.

Ainda por conta dos onze mil cruzados e trezentos mil réis ou 4:700\$000, o arrematante, Antonio da Silva Herdeyro, teria que calçar toda a circumferencia da Parte do Palacio do lado de Sant'Anna, «que é na ribeira que desce de Palacio» para a dita Igreja e da outra parte de fóra a cortina de pedra que havia, alargando mais quatro ou cinco palmos e a tornaria a levantar, cobrindo-a de lages grandes.

A Igreja citada não passava de uma pequena Capella com a invocação da Senhora Sant'Anna, padroeira do hospital, a qual já nos referimos em um dos nossos desprezenciosos escriptos, era situada em frente a Santa Casa de Misericordia, quando outr'ora tinha esta, séde no predio que hoje é Forum e antigamente Assembléa Provincial. Em 16 de setembro de 1754, em nome do dr. João Lobo Leite Preira, foram nomeados os peritos Ventura Alves Carneiro, António Ribeiro e José Pereira dos Santos, officiaes de carpinteiro e pedreiros, louvados approvados pelo Senado, para avaliarem o accrescimento que houve nas obras da ponte do Caquende ou Rosario, e que sob juramento, o reputaram no valor de dous mil cruzados e duzentos mil réis.

Não sabemos porque, mas só a 11 de dezembro de 1755, para a entrega da obra, foram nomeados louvados, Pedro Martins Corrêa, e Jeronymo da Costa Cunha, tendo ambos constatado o augmento que na obra houve e perfeição na execução, sendo postas a mais, cinco pedestaes «chamados pyramides» e que deram maior relevo e fizeram mais distincta a sua perfeição.

Com a construcção desta ponte, ficaram naturalmente prejudicados, alguns moradores daquela paragem, enquanto outros beneficiados.

No local não havia ponte em a data que nos reportamos, só uma pinguella para pedestres junto ás casinhas terreas com seus respectivos quintaes; a construcção da ponte, invadiu-lhes os quintaes e assombraram-lhes as casas, de maneira que, assim prejudicados e esbulhados de parte de seus terrenos, que pagavam fóros, reclamaram.

Depois de respeitadas e seguidos, todos os tramites legais, foram nomeados peritos, por ter sido attendido o reclamante Jeronymo Ferreyra Maya; sendo elles, Antonio Alves de Araujo e Ventura Alves Carneiro, este pelo queixoso e aquelle pelo procurador do Senado.

A 20 de dezembro de 1754, foi resolvido pagar-se 75\$000, a Jeronymo, ficando senhor do massame e terreno da casa.

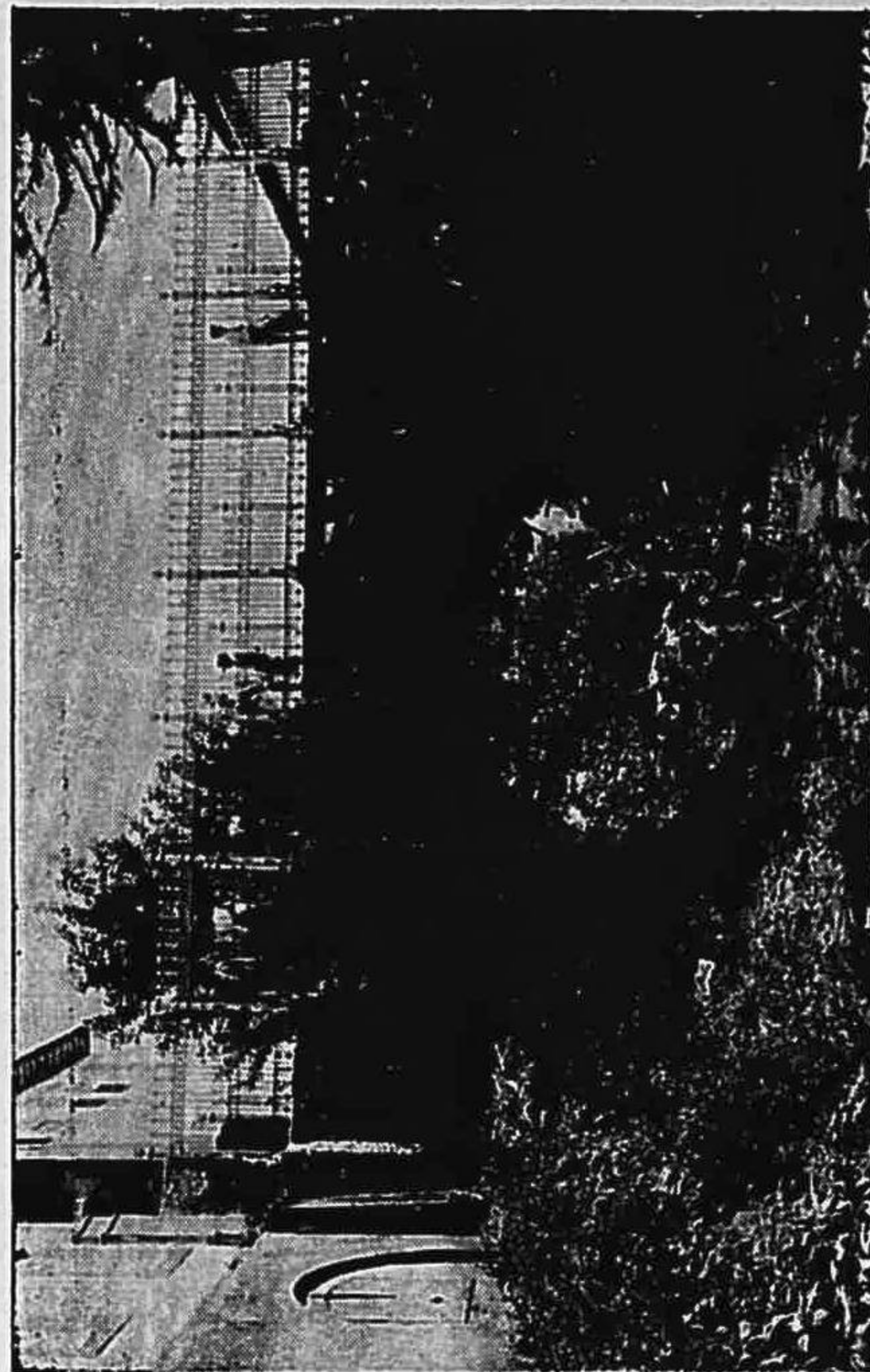
Na mesma occasião, tambem reclamaram, ao mesmo juiz, dr. Mathias Francisco de Mello e Albuquerque, Leandro Teixeira e Antonio Ramos dos Santos; foram encarregados das avaliações Manoel Francisco Lisbôa e Antonio Alves de Araujo, sendo aquelle, por parte dos reclamantes e este pela Camara.

A 18 de dezembro do mesmo anno, ficaram liquidadas estas reclamações, recebendo Leandro Teixeira 85\$000 e Antonio Ramos dos Santos 100\$000, ficando ambos com direito aos massames e chãos, podendo levantar suas casas a altura da ponte se lhes aproovesse.

II

Ponte de S. José ou dos Contos

Dissemos que esta ponte se denominava — *de S. José*, — pelo menos até 1802, porque só nesta data, é que foram transferidas, para a casa de João Roiz de Macedo, as repartições que funcionavam e constituíam a — Casa de Contos — que lhe deu o nome; tribunal este, extinto com a criação da Junta de Fazenda, pela Carta Régia de 6 de Março de 1765; portanto, quando Macedo concluia sua casa em 1784, já não havia mais Casa de Contos, nome este trasladado, unicamente, por terem sido transferidos os cofres para ella.



Ponte de São José ou dos Contos. Ouro Preto

Effectivamente assim foi, de maneira que, a Junta pagou alugueis a João Roiz de Macedo, desde 1802, até 1804, quando se fez effectiva a adjudicação.

Reportamo-nos ao que a este respeito escrevemos no *Minas Geraes* em 1918 e para tirar qualquer duvida que ainda permaneça, aproveitamos o ensejo, embora desviando um pouco do nosso assumpto transcrevendo uma pequena certidão, ha pouco tempo por nós encontrada e que desanuviará por completo esta questão de nome e outras:—

“Certidão enviada a S. Magestade.— Antonio da Cruz Machado Cavalleiro, professo na Ordem de Christo, Escrivão dos Feitos da Contadoria da Real Fazenda desta Capitania das Minas Geraes por Sua Alteza Real que Deus Guarde etc. etc. Certifico que revendo os autos de execução que promove o Dr. Francisco de Moraes Pimentel e Castro, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real actual Procurador da Corôa, e Real Fazenda nesta Capitania das Minas Geraes, contra o devedor fiscal João Rodrigues de Macedo e seus fiadores, delles a folhas quarenta e huma consta a avaliação das Cazas penhoradas áquelle devedor Fiscal e que actualmente estão occupadas com a Junta da Administração, e Arrecadação da Real Fazenda, suas Contadorias, Administração Geral para a cobrança das dividas activas da mesma Thesouraria Geral, e menor, Almojarifado, e Quarteis da Companhia de Cassadores pela fórma seguinte; pelo que respeita aos Officios de Pedreiros as avaliarão estes em preço e quantia de vinte e oito contos e noventa e cinco mil réis (28:095\$000) aos officios de carpinteiros os avaliaram estes em preço e quantia de vinte contos de réis (20:000\$000) pelo que respeita aos Officios de Ferreiros as avaliarão em preço e quantia de dous contos, oitocentos e trinta e nove mil, oitocentos e setenta e cinco réis (2:839\$875) e assim mais consta estar avaliado o quintal respectivo as mesmas cazas com as suas bemfeitorias, e pertences em preço e quantias de hum conto e duzentos mil réis (1:200\$000).

Passa o referido na verdade, e nos ditos autos me reporto em meu poder, e Cartorio; dos quaes fiz extrahir a presente certidão em observancia do requerimento de Au-

diencia feito por parte do dito Doutor Procurador, e seu deferimento do dia quatro do corrente mez, e anno, em fé do que o subscrevo e assigno nesta Villa Rica do Ouro Preto aos seis dias do mez de Dezembro do anno de mil oitocentos e dois. (1802). E eu Antonio da Cruz Machado Escrivão dos Feitos da Real Fazenda o subscrevi e assigno — Antonio da Cruz Machado”. Reencetando o nosso assumpto, foi construida aquella ponte, no 2.º exercicio da administração de Gomes Freire de Andrade, 1744, sendo arrematante Antonio Leite Esquerdo, a 8 de abril, pela quantia de quatro mil cruzados e cento e cinquenta mil réis.

Foram fiadores Agostinho Gonçalves Souto, morador no Bom Successo e Jeronymo Soares no Virasayas.

Bom Successo era um bairro, do arraial do Padre Faria, assim chamado pelo feliz exito que obtiveram os primeiros exploradores n'aquelle descoberto, assim como os do Ouro Fino, Ouro Bueno, pela qualidade do ouro extrahido.

Virasayas, outro bairro do arraial de Antonio Dias, assim denominado, por ter tido residencia ali esses bandidos, que infestaram o norte de Minas, foram perseguidos, se não nos enganamos, pelo conde de Sarzedas ou de Condeixa.

Para inicio da construcção, foram levantados dous grandes paredões de pedra grossa com alicerces profundos e seguros até a altura determinada pela planta.

Assim construidos, foi posta uma fiada de cantaria, em rigoroso nivel, para em cima da mesma, firmar a volta do arco, o qual tem de largura trinta palmos, como indicava o risco sendo as aduelas do arco de cantaria com grossura determinada, assente com cal e areia.

Assim feitos até o nivel da rua, levou pela parte de fóra, pelas beiradas, outra fiada de lages de cantaria, servindo de soleira do parapeito.

Esse parapeito tinha de grossura tres palmos, com seus assentos na fórmula indicada pelo risco levando a significativa e indispensavel Cruz no meio da ponte.

Esta cruz, foi retirada, já em nossos dias, quando assentaram as grades de ferro bem altas que lá se acham, não só para compor e ornar a rua, como para evitar accidentes.

Diz a antiga “sabedoria do povo” que, as cruces nas pontes evitam desastres; infelizmente, não somos dos mais fervorosos crentes da tão falada sabedoria popular, entretanto, é forçoso constatar um facto: —

Em Ouro Preto existe uma ponte denominada “Ponte do Xavier”; esta ponte era a unica que não tinha a respeitavel cruz e de uma altura pouco commum, de ambos os lados; principalmente do lado direito, de quem vae de S. Francisco de Paula para a actual Casa de Misericordia; uma bola de papel amarrotado, leva cinquenta e tres instantes, a chegar ao fundo do tremendo despenhadeiro; pois bem, nesta ponte tivemos de lamentar diversos e amiudados suicidios, como tentativas em boa hora frustrados que não é sensato rememorarmos.

Valendo-se “da sabedoria popular”, lá foi collocada uma cruz por deliberação da Camara, — *facto notavel* — nunca mais, já vão para vinte e cinco annos, ninguem lá se atirou, a não ser que agora appareça algum louco destemido que entenda desmoralizal-a.

Depois de terminada a obra da—Ponte dos Contos,—foi toda calçada com pedra grossa e dura; sendo ultimada com segurança e perfeição no espaço de oito mezes.

Não indicava o risco do parapeito o seu comprimento, ficando ao criterio do pedreiro constructor fazer o que fosse necessario.

Os pagamentos foram feitos em tres quartéis, como geralmente era de praxe, um no principio da obra, outro ao fechar do arco e o ultimo depois da obra concluida.

As madeiras da antiga ponte, foram dadas para o arrematante e só se poderia retiral-a depois de entregue ao publico a nova e de cantaria.

A 30 de setembro de 1744, o mesmo Antonio Leite Esquerdo arrematou o accrescimo da mesma ponte de pedra, por 650\$000, sob garantia dos mesmos fiadores, consistindo este, no augmento de mais seis palmos na largura, correndo os assentos por dentro de uma e outra parte.

Em 21 de outubro do mesmo anno, foi passado o mandado de pagamento, por conta da primeira prestação.

Ainda em 1761, a 25 de maio, Antonio Ferreira de Carvalho, fez o accrescimo da cortina, igual a que lá se achava, até as escadas da casa de Luiz de Amorim Costa e um boeiro com alicerce que fosse necessario, capeado com lages, assentes com cal e areia, por vinte oitavas, sendo pago logo que terminou a obra.

III

Ponte de Antonio Dias

Em 11 de Outubro de 1755, achando-se presentes, o corregedor juiz presidente, vereadores e procurador do senado da camara, teve logar a arrematação da obra que haveria de ser feita, abaixo da Igreja, no corrego de Antonio Dias.

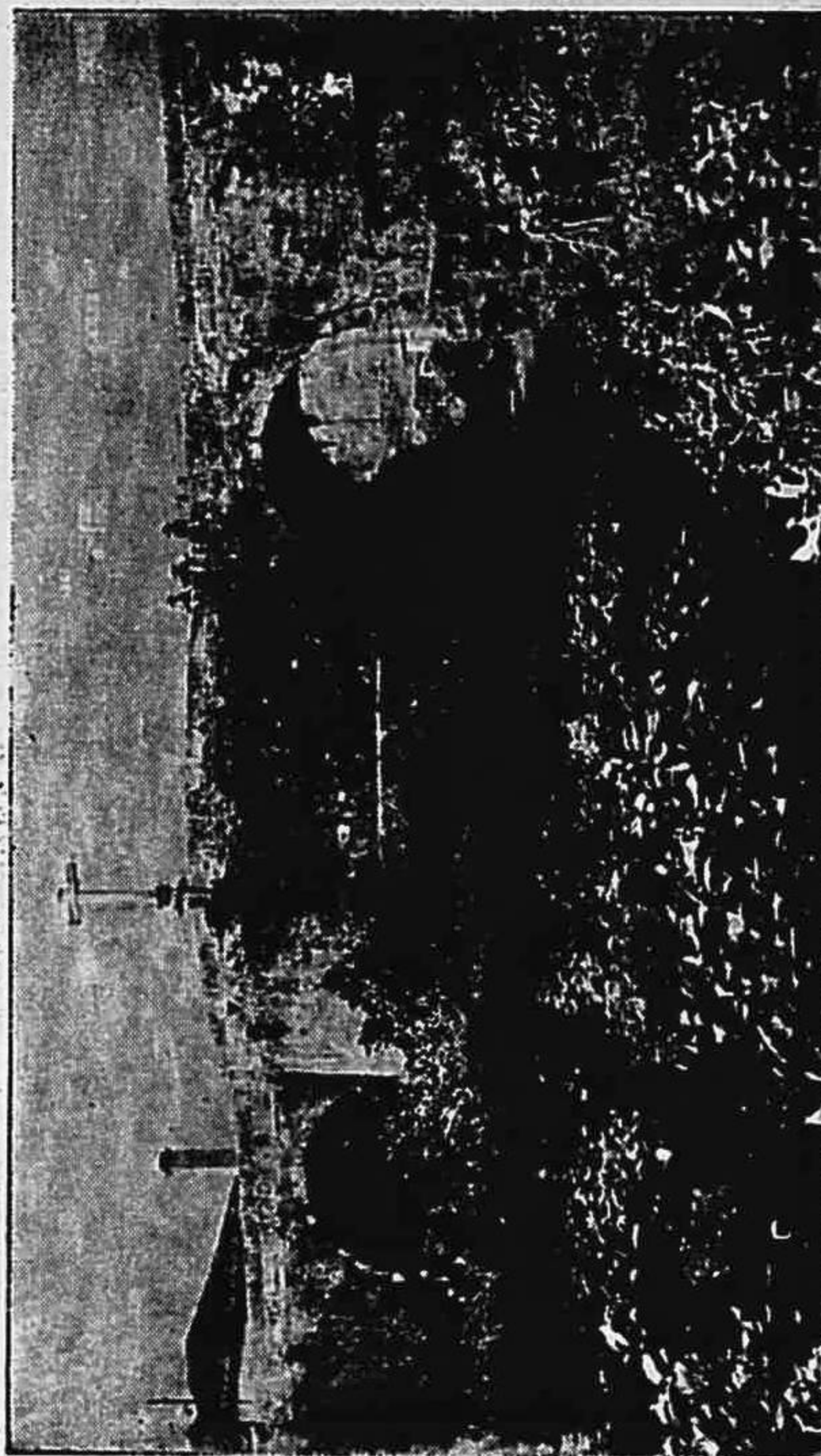
Era escrivão José Antonio Pinheiro Guimarães e annunciada pelo porteiro Domingos Martins a referida obra, houve muitos lanços; o preferido foi o de Manoel Francisco Lisboa, que lançou onze mil cruzados e sessenta mil réis.

Os pagamentos seriam tres e sob fiança idonea; o primeiro no principio, o segundo estando a obra feita na altura dos saumeis dos arcos, onde se haveria de principiar as suas voltas e o terceiro depois da obra estar acabada e examinada por peritos pedreiros.

No contracto, como de costume, foi incluido mais obras, alheias completamente ao serviço de que se tratava.

O arrematante teria que fazer uma cortina em frente as casas de Antonio Francisco casado com Joanna Corrêa; a altura de quatro palmos com lages e fazer de novo a calçada que ia da porta travessa da sachristia da Matriz de Ouro Preto, da parte de cima até chegar ao largo, na porta da casa de Francisco Xavier de Souza, aterrando o que fosse necessario.

Por termo de cessão que encontramos, foi transferido o direito que tinha Francisco Lisboa sobre a arrematação para Antonio da Silva Herdeyro, o mesmo que fizera a — Ponte do Caquende ou Rosario — e dando este como afiançado por João de Amorim Pereira e Isidoro Leite Esquerdo.



Ponte de Antonio Dias. Ouro Preto

Era o arrematante obrigado, a executar a obra conforme a planta e risco, declarando-se que os assentos da ponte, ficariam no meio do vão do correjo, que coincidiria no centro, em cento e um palmos e meio do parapeito e a cruz de pedra do Itacolomy, lavrada com sua base da mesma pedra.

Faria as paredes de pedra e cal com toda a segurança, que era como se procedia em obras semelhantes, bem massiçadas, com boas juntas ou ligaduras, indo se procurar a altura das pissaras donde quer que se achassem situadas, para sobre ellas serem firmadas as respectivas paredes.

Levaria dous arcos de pedra de cantaria do Itacolomy, pedra rija e toda ella lavrada a picão miudo.

Todos os parapeitos seriam da dita pedra, sendo assentes em uma fiada de lages da mesma qualidade com os seus assentos e quatro pilares por banda, como mostra o perfil, advertindo-se que, todas as juntas dos parapeitos na fiada de cima, seriam com-gatos de ferro, chumbados estes e embutidos na cantaria.

Todo o parapeito lavrado a picão miudo, e os assentos lageados.

O enchimento dos vãos das paredes se faziam com entulho, o qual seria cascalho do correjo e assim os dous vãos da ponte, de um lado e outro, sendo o aterro de pedra e cal.

A cortina que mostrava a planta, seria feita com todo o comprimento necessario até procurar a rua que ia por detraz das casas do tenente-general, aquella, seria tambem feita de pedra e cal capeada com lages de pedra do Itacolomy, sua faixa lavrada a picão miudo e sua altura attingindo o pavimento dos parapeitos.

Todas as calçadas pertencentes á ponte, seriam assentes sobre uma camada de barro secco, por cima do entulho, attendendo o nivel, de maneira que, todas as aguas pluviaes fossem ter a boeiros embutidos na fiada do lageado que se achava localizada por baixo dos parapeitos.

As aguas que deciam da Matriz de Antonio Dias, teriam seu encaminhamento por um boqueirão que se faria pelo lado inferior da parede da ponte, pela parte de baixo do correjo e

identica disposição se faria, na cortina que ia ter a rua por detrás das casas do acima referido militar.

Quer de um, quer de outro lado as paredes seriam embuçadas com a cal e areia, sendo o embuço crespo, até á altura da faixa dos parapeitos.

Teria direito o arrematante a toda a madeira da ponte antiga, assim como da pedra, senhor enfim, de todo o massame.

O praso para a conclusão da obra, seria de um anno, contados depois da arrematação e fianças.

Esta «terceira formosa ponte, que tem um palacio defronte» é testemunha secular e muda, dos affectos que alli feneram.

E' local propicio aos scismares dos namorados, inspira aos poetas; mas, de tristezas invade quem de tedio tem inundado o coração.

Tantas vezes, pela calçada desta mesma ponte, deslisaram os pequeninos pés da bella e desventurada Marilia, quantas vezes de sua casa sahia; outras vezes de cadeirinha passava, sob os olhares sempre vigilantes de Gonzaga, que lá do alto de sua morada a divisava.

D'estes amôres, que para ambos só tiveram a duração de um dia, correm mundo as noticias e delles só ficaram recordações; assim as pontes de madeira tosca e engenhosamente travadas, lá se foram e hoje só restam as nobres e de cantaria.

Correspondencia

— DO —

CONDE DA PALMA

1810 — 1814
